

A sepultura de Castro Marim

MÁRIO VARELA GOMES*, JOÃO LUÍS CARDOSO** e ARMANDO SANTINHO CUNHA***

Palavras-chave: monumento funerário; Neolítico final; Algarve.

Resumo: Neste trabalho estuda-se o espólio arqueológico e antropológico de uma sepultura de Castro Marim, explorada, cerca de 1870, por António Mendes, colector da então Comissão Geológica.

As características arquitectónicas do monumento sugerem um tipo de sepulcro até ao presente ainda não descrito em Portugal, correspondente a uma câmara circular, de pequena altura, sem corredor, definida por pequenos e numerosos ortóstatos.

Os paralelos mais próximos situam-se na província de Almeria e remontam ao Neolítico final. No caso do monumento de Castro Marim, tal atribuição cronológica encontra-se reforçada pela datação radiocarbónica obtida sobre porção de diáfise de tíbia pertencente ao único indivíduo ali sepultado.

Trata-se, pois, de monumento anterior à generalização dos sepulcros colectivos calcólíticos do tipo *tholos*, bem representados no Algarve, dos quais se poderá considerar antecessor.

Mots-clés: monument funéraire; Néolithique final; Algarve.

Résumé: Dans cet article sont étudiés les matériaux archéologiques et anthropologiques autrefois recueillis vers 1870 par António Mendes dans une sépulture préhistorique près Castro Marim.

L'architecture du monument est, jusqu'à présent, unique au Portugal; il s'agit d'une chambre circulaire dépourvue de coloir, définie par des nombreux orthostates, de petites dimensions.

Les exemples les plus semblables se situent dans la province d'Almérie, où ils ont été attribués au Néolithique final. Cette conclusion est renforcée, dans le cas étudié, par une datation absolue obtenue sur un petit morceau de tibia du seul individu déposé dans la chambre.

Il s'agit donc, d'un type de monument funéraire antérieur à la diffusion des sépultures collectives chalcolithiques, du type *tholos*, bien représentées dans la région, desquelles il peut être considéré comme antecessor.

ANTECEDENTES

Georges Zbyszewski e Octávio da Veiga Ferreira, deram a conhecer, em 1967, a planta e um corte de monumento funerário do tipo *tholos*, dos arredores de Castro Marim (fig. 5), reconstituídos a partir de um apontamento desenhado, existente nos arquivos do então Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, que concluíram ser da autoria de António Mendes, colector daquela instituição e colaborador de Carlos Ribeiro (fig. 1). Os arqueólogos referidos descreveram, sucintamente, o espólio recolhido naquele monumento, coñservado no museu mencionado, que, todavia, não foi desenhado nem estudado em detalhe.

No trabalho citado não se fez alusão ao facto do monumento de Castro Marim ter sido, primeiramente, referido por ESTÁCIO DA VEIGA (1886, p. 144, 290, 291; 1887, p. 450, 455). Este não só indica ter o

mesmo sido, na verdade, descoberto e escavado, em 1870, por António Mendes, «*explorador sisudo e atilado*», conforme fez questão em registar, como descreve a maioria do espólio ali recolhido e que observou exposto no «*armário 51.º, estante 3.ª*», do Museu da Comissão Geológica. Estácio da Veiga não deixou, até, de reconhecer a rara morfologia das tíbias que faziam parte do acervo, — «*de secção transversal tirante a platicnemica*». O mesmo arqueólogo pioneiro já não encontrou, em 1877, no local assinalado por A. Mendes, quaisquer vestígios da sepultura. Contudo, aquela tem vindo a ser citada por diferentes autores, que repetem as informa-

* Director dos Museus de Arqueologia de Silves e Montemor-o-Novo. Da Academia Portuguesa da História.

** Professor da Universidade Nova de Lisboa. Da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

*** Professor da Escola Superior de Medicina Dentária de Lisboa e Instituto de Medicina Legal de Lisboa.

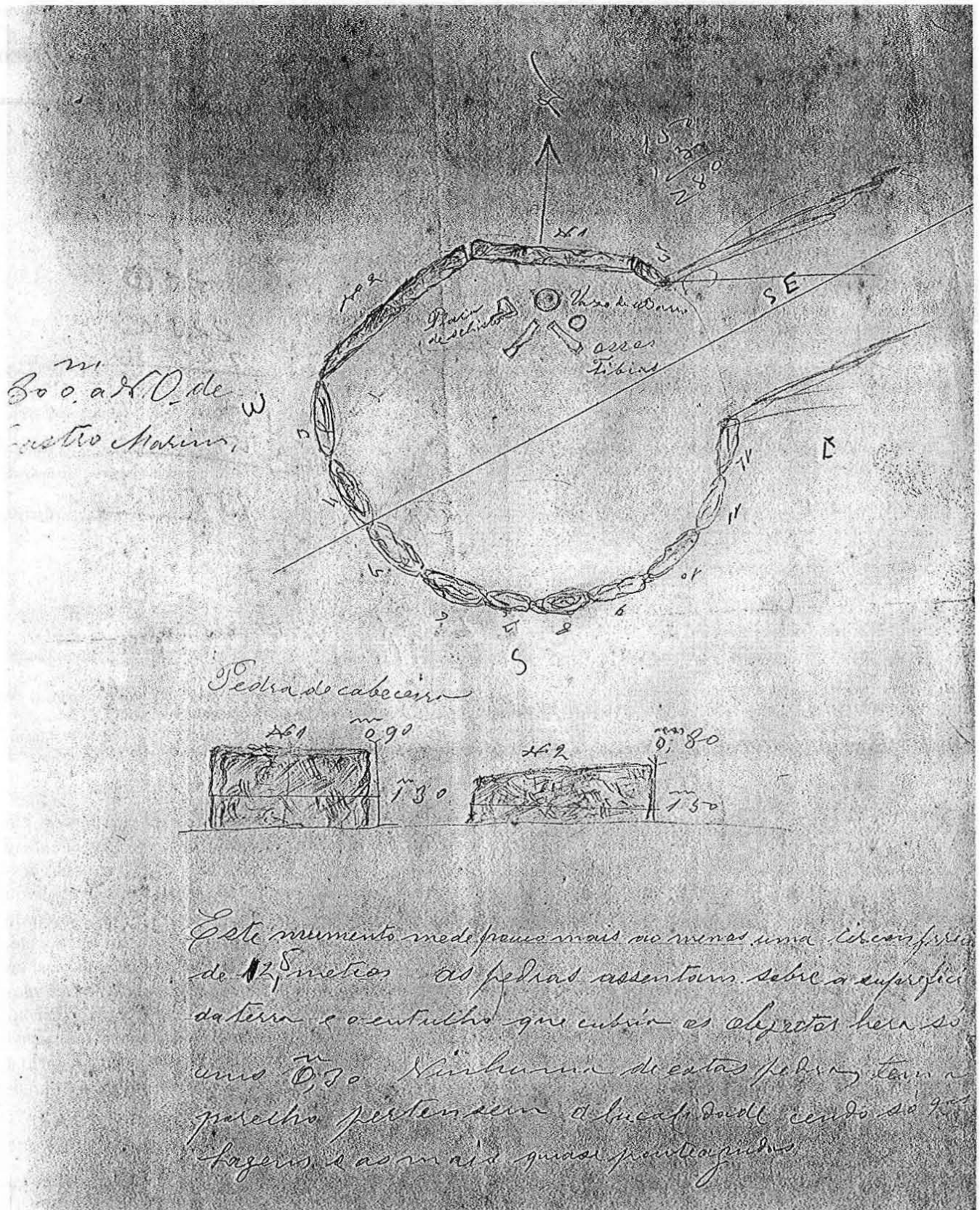


Fig. 1 — Reprodução do apontamento de António Mendes (Museu do Instituto Geológico e Mineiro).

ções oferecidas por Estácio da Veiga ou por Zbyszewski e Veiga Ferreira (CARDOSO, 1893, p. 191; SANTOS e FERREIRA, 1969, p. 56; SANTOS, 1974, p. 71, 73, 74; ROSA, 1975, p. 136; GOMES e GOMES, 1988, p. 18, 56).

LOCALIZAÇÃO

Não dispomos de quaisquer outras informações para além das legadas por A. Mendes e das facultadas pelo espólio ainda existente e que continua guardado no Museu do agora Instituto Geológico e Mineiro.

É, pois, A. Mendes que situa o monumento funerário a 800m a noroeste de Castro Marim. Refira-se que encontrámos em algumas das peças ali exumadas a indicação de «a cerca de 1 Km de Castro Marim».

Julgamos, a partir dos dados apresentados, que a sepultura se situaria próxima de um pequeno relevo, com 33 m de altura, a norte da denominada Horta do Sapal, entre duas pequenas linhas de água que desaguam no Esteiro da Lezíria (fig.2). As suas coordenadas geodésicas Gauss são: X 608 289 (seg. a C.M.P., 600, Vila Real de Santo António, esc. 1:25.000, S.C.E., 1980).

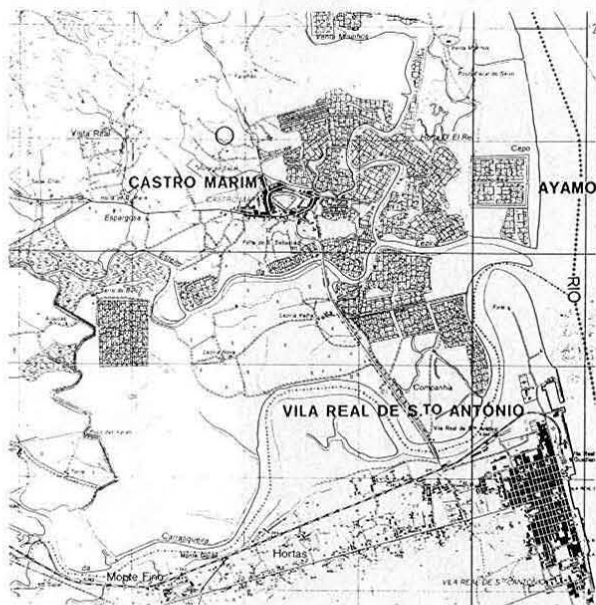


Fig. 2 — Localização, aproximada, do sepulcro de Castro Marim.

O MONUMENTO

O desenho de A. Mendes, ulteriormente alterado por traços que sugerem um corredor e pela aposição de algumas iniciais de pontos cardeais, indica tratar-se de sepultura, com câmara circular, constituída por treze esteios, de xisto ou grauvaque locais, colocados verticalmente no solo, de cutelo, sendo dois deles mais largos e os restantes muito estreitos.

A câmara mediria cerca de 12 m de «circunferência», ou seja de perímetro, correspondente a aproximadamente 3.60 m de diâmetro (ZBYSZEWSKI e FERREIRA, 1969, p. 12, nota 3).

Dois esteios desenhados por A. Mendes mediam 1.30 m e 1.50 m de largura e, respectivamente, 0.90 m e 0.80 m de altura.

A. Mendes refere, explicitamente, que o espólio por ele encontrado estava coberto por uma camada de terra com, apenas, 0.30 m de espessura.

Duas tíbias, uma delas incompleta, registadas pelo escavador, indicam não só que ali houve apenas um enterramento, como a possível disposição do mesmo, ao centro da câmara, com a cabeça voltada para sul. Parte do acervo que o acompanhava foi, de igual modo, desenhado *in situ* (cf. fig.1), nomeadamente, o fragmento de placa de xisto, um vaso, de cerâmica e o percutor/movente. artefactos que passaremos a descrever.

ESPÓLIO

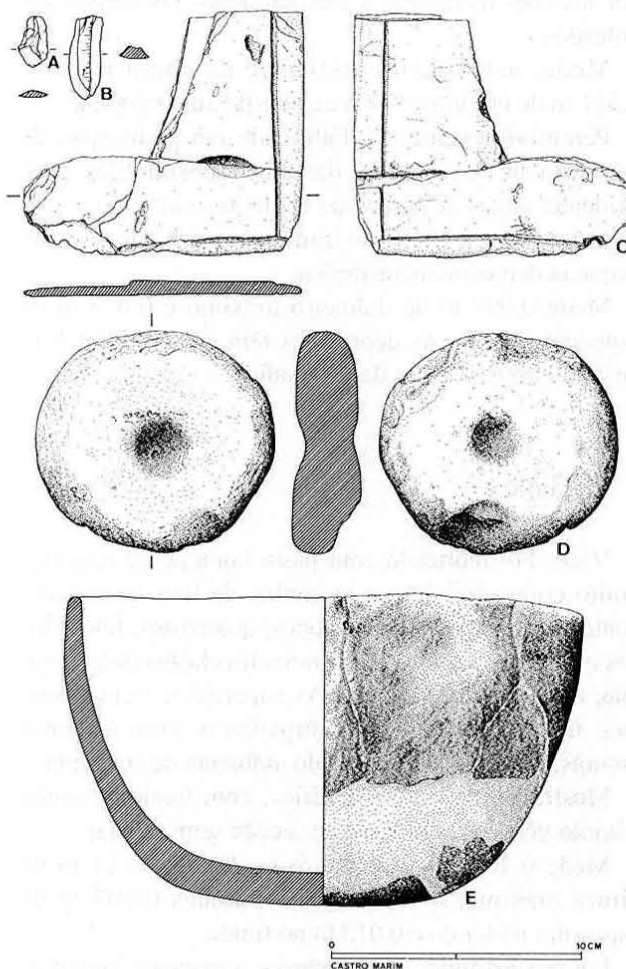


Fig. 3 — Espólio do sepulcro de Castro Marim (A, B, lamelas de quartzo; C, fragmento de placa de xisto; D, percutor/movente; E, vaso de cerâmica.

MATERIAL LÍTICO

Lamela. Talhada em quartzo, de cor branca, mostra contorno subtrapezoidal e secção triangular. Possui, no anverso, bolbo de percussão.

Mede 0.020 m de comprimento, 0.012 m de largura máxima e 0.002 m de espessura. Não tem retoques.

Lamela. Talhada em quartzo, de cor branca, mostra contorno subtrapezoidal alongado com bordos subparalelos e secção trapezoidal.

Possui um dorso natural e, no anverso, bolbo de percussão, encontrando-se truncada na extremidade distal. Não tem retoques.

Mede 0.033 m de comprimento, 0.013 m de largura máxima e 0.004 m de espessura.

Placa. Fabricada, em xisto ardosiário, de cor cinzenta escura de possível contorno rectangular. Trata-se, apenas, de um fragmento, contendo dois bordos contíguos e perpendiculares entre si, assinalados, em ambas faces, por incisões rectilíneas a eles paralelas. Os bordos são boleados.

Mede, actualmente, 0.096 m de comprimento, 0.111 m de largura e 0.006 m de espessura máxima.

Percutor/movente (?). Fabricado em grauvaque, de cor castanha acinzentada, da forma subcilíndrica, com evidentes sinais de percussão em todo o contorno.

Mostra, ao centro de cada uma das faces, uma pequena depressão hemisférica.

Mede 0.097 m de diâmetro máximo e 0.027 m de espessura média. As depressões têm cerca de 0.020 m de diâmetro e 0.004 m de profundidade máxima.

CERÂMICA

Vaso. Foi fabricado com pasta homogénea mas não muito compacta, de cor castanha, de tom amarelado, contendo elementos não plásticos, quartzosos, feldspáticos e micáceos, assim como raros litoclastos de grauvaque, de grão fino a médio. As superfícies, bem afagadas, são de cor castanha avermelhada, com manchas escuras, devido a alterações, do ambiente de cozedura.

Mostra forma sub-hemisférica, com fundo aplanado e bordo vertical, com lábio de secção semicircular.

Mede 0.207 m de diâmetro no bordo, 0.121 m de altura máxima, oferecendo as paredes 0.007 m de espessura no bordo e 0.013 m no fundo.

Foi reconstruído, ao que parece, em época imediatamente subsequente à descoberta, visto Estácio da Veiga já o ter assim encontrado.

DIVERSOS

Junto com o espólio acima descrito, encontram-se dois pequenos pedaços de rocha mineralizada, evidenciando a presença de óxido cúprico.



Fig. 4 — Sepulcro de Castro Marim. Radiografia das tíbias, evidenciando pertencerem a um mesmo indivíduo, adulto, do sexo masculino e com indícios de osteíte condensante.

ESPÓLIO OSTEOLÓGICO HUMANO (FIG.4)

Tíbia 1, esquerda, mutilada na parte inferior da diáfise, com ausência da epífise inferior. O comprimento máximo do fragmento existente é de 0.22 m.

O diâmetro transversal máximo é de 0.02 m e o diâmetro antero-posterior máximo mede 0.32 m.

Mostra acentuadas rugosidades das inserções musculares ao nível das tuberosidades anteriores e na face postero-interna, o que indica, provavelmente, pertencer a indivíduo do sexo masculino.

A diáfise é em forma de bainha de sabre, verificando-se ligeira torção desta sobre si própria e rodando o bordo anterior de cima para baixo e de fora para dentro, formando concavidade pouco acentuada na face antero-externa.

Verifica-se perda de substância óssea na parte inferior do bordo anterior, com comprimento de 0.05 m e tendo na superfície alterada cor semelhante à da restante peça. Na face antero-interna, e próximo do bordo, existem duas depressões da tábua externa, ponteagudas, separadas entre si 0.012 m.

Tíbia 2, direita, completa, embora fracturada, medindo 0.34 m de comprimento máximo.

O diâmetro transversal máximo é de 0.02 m e o diâmetro antero-posterior máximo mede 0.032 m.

Oferece a diáfise em forma de bainha de sabre, conforme se havia verificado para a tíbia 1.

CONCLUSÕES

Não se observou, em ambas tíbias, sinais de osteofitose nem marcas, na morfologia externa, da união da epífise superior com a diáfise. O mesmo ocorre na tíbia direita em relação à epífise inferior.

A morfologia das duas tíbias é muito semelhante assim como a cor e as concreções que mostram, podendo-se concluir que pertenceram a um mesmo indivíduo, baixo e robusto, do sexo masculino, com inserção do quadrícepede coral muito marcada.

O índice cnémico é de 62,5 à direita e de 58,8 à esquerda.

A sua estatura deveria aproximar-se de 1.60 m (Tabela de Manouvrier). Ambas as tíbias possuem acentuada platicnemia (em forma de bainha de sabre), com medição dos diâmetros ao nível dos orifícios nutritivos.

A análise telerradiográfica, com raios-X duros, revelou a ausência das linhas de união das epífises o que indica adulto com mais de 21 anos.

O padrão trabecular e o comprimento dos vários elementos existentes em ambas confirmam não só pertencerem ao mesmo indivíduo como indicam o sexo masculino.

Não se verifica a existência de linhas de oposição nas diáfises, o que revela ausência de hipoproteinémias agudas ou continuadas.

Registou-se, em ambos os ossos, um aumento de espessura das corticais ósseas e imagens de opacidade, mal delimitadas, no osso esponjoso, que são compatíveis com osteíte condensantes. Não se detectou osteoporose ou sinais de usura, o que indica idade inferior a 40 anos.

O aspecto morfológico, em «bainha de sabre», e o radiológico (osteíte condensante) são compatíveis com osteíte de origem trepanematosa. A ausência de outros sinais que sejam patognomónicos por falta de dentes no presente achado leva-nos a colocar tal interpretação como mera hipótese, a confirmar em futuras investigações.

CRONOLOGIA

Considerando as diferenças arquitectónicas e construtivas evidenciadas por esta sepultura, face às características das *tholoi*, de época reconhecidamente calcolítica, impunha-se tentativa de datação absoluta recorrendo, para o efeito, ao espólio ósseo disponível. Em conformidade, e no âmbito da cooperação existente entre o Laboratório de Isótopos Ambientais do Departamento de Química do ITN, o Research Laboratory for Archaeology and the History of Art (Oxford) e o Departamento de Arqueologia do IPPAR, foi apresentada para datação, por um de nós (J.L.C.), pequena porção de diáfise de uma das tíbias do único indivíduo ali sepultado. O resultado obtido, recorrendo à técnica por espectroscopia de massa com acelerador (AMS) foi o seguinte (comunicado a J.L.C. a 20 de Junho de 1995):

OxA 5441 - 4525 (+/-) 60 BP.

Ao calibrar a data obtida, fazendo uso da curva de Stuiver e Pearson («Radiocarbon», 35 (1), 1993, p. 1-23), obtiveram-se intersecções em 3330, 3221, 3189, 3157 e 3133 cal BC e os seguintes intervalos:

– para 1 sigma: 3350-3090 cal BC;

– para 2 sigma: 3370-3030 cal BC; 2970-2930 cal BC (calibração efectuada por A. Monge Soares).

O intervalo de 2970-2930 cal BC é o de menor probabilidade. Em conformidade, o monumento deverá inscrever-se nos meados da segunda metade do IV milénio BC, cronologia que, para o Sul do País, é compatível com o *terminus* do Neolítico final (SOARES e CABRAL, 1993).

Fica, pois, demonstrada a maior antiguidade deste sepulcro face aos do tipo *tholos*, dos quais, aliás, se diferencia pelas suas características arquitectónicas.

COMPARAÇÕES E CONCLUSÕES

O apontamento desenhado, de A. Mendes, assim como as anotações escritas que o acompanham não permitem concluir que o sepulcro de Castro Marim pudesse ter sido uma *tholos*. Na verdade, é notória não só a ausência de corredor, que estaria, caso existisse, voltado para nascente ou para sudeste, como de indícios da existência de uma falsa-cúpula, facto que a pequena dimensão dos esteios do lado sul do monumento, «quase pontegudos», como também explicita o seu escavador, ajuda a corroborar.

Por outro lado, a escassez de espólio ali exumado e a sua tipologia recorrente, não ajuda a caracterizar aquele contexto funerário.

As lamelas de quartzo são frequentes e atípicas; o percutor/movente, de grauvaque, tem paralelos em contextos epipaleolíticos do Algarve, onde surge associado ao «machado mirenses» e conforme foi por nós (M.V.G., J.L.C.) recentemente verificado; o fragmento de placa sub-rectangular, de xisto, com moldura incisa paralela ao bordo, poder-se-ia assemelhar a peças idênticas encontradas em monumentos megalíticos do Sul de Portugal, nomeadamente a exemplar proveniente da Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo), provido de orifício para suspensão (LEISNER e LEISNER, 1959, est. 27-76). Este monumento, com espaçosa planta poligonal e corredor longo, pertence à fase mais evoluída dos sepulcros colectivos alto-alentejanos, com cronologia do Neolítico final, embora contivesse enterramentos já claramente calcolíticos (pratos de bordo *almendrado*). Por fim, o vaso de cerâmica, sub-hemisférico, mostra produção e forma próprias de contextos tardo-neolíticos ou calcolíticos.

Julgamos, a partir dos dados disponíveis, que ao invés de se tratar de uma *tholos* (fig. 5), o monumento

de Castro Marim seria, antes, uma sepultura circular, do tipo de algumas existentes nas províncias de Granada e Almería, designadamente escavadas por L. Siret, ainda não assinaladas em Portugal. Trata-se de túmulos, com planta circular ou subcircular, em parte escavados no substrato, com paredes formadas por pequenos esteios colocados de cutelo ou por lajes sobrepostas, mas desprovidas de corredor. Os espólios neles recolhidos indicam ser mais antigos que as sepulturas de câmara circular e corredor e que as *tholoi*, pelo que se podem datar no Neolítico final (LEISNER e LEISNER, 1943, est. 1-3, 4, 6, 7, 26, 32, 33).

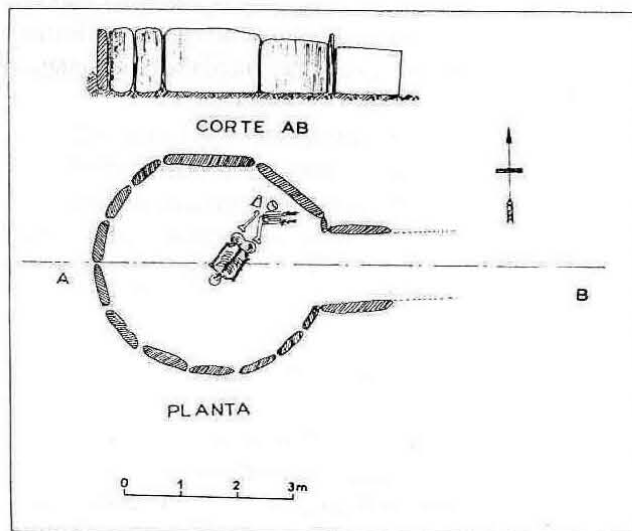


Fig. 5 — Planta e Corte da sepultura de Castro Marim, adaptando o desenho de A. Mendes (fig. 1) a monumento do tipo *tholos* (seg. ZBYSZEWSKI e FERREIRA, 1967, fig. 1). Repare-se na adição do corredor e na nova orientação do monumento, de modo a que aquele ficasse voltado a nascente.

A conclusão encontra-se confirmada através do resultado da datação radiocarbónica realizada, a qual indica que a construção do sepulcro se teria efectuado no fim do Neolítico final do Sul do País.

Recordemos que no Algarve surgiram sepulturas tardo-neolíticas, com câmara de planta sub-rectangular e corredor individualizado, delimitados por lajes dispostas de cutelo (Buço Preto 7, Nora, Serro do Castelo) que recordam monumentos funerários do Sul e Sudeste da Península, ajudando a diferenciar culturalmente o megalitismo algarvio, do Litoral e Barrocal, do megalitismo do *hinterland* do Alentejo (VEIGA, 1886, 248-257, 292, 293, est. XII, 1891, est. XVI; LEISNER e LEISNER, 1943, ests 24, 34, 73; VIANA, FERREIRA e FORMOSINHO, 1949, 300, 301, fig. 9).

Um de nós (M.V.G.) escavou, no extremo oposto do

Litoral do Algarve, no concelho de Vila do Bispo, um sepulcro colectivo, com planta de forma subcircular e corredor curto (Pedra Escorregadia). O escasso espólio recolhido e as datas radiocarbónicas já obtidas, situadas, quando calibradas para 2 σ , entre 3370-2934 cal. B.C. (ICEN-847) e 2587 cal. B.C. (ICEN-844), indicam que o monumento teria sido erguido ainda no Neolítico final e reutilizado durante o Calcolítico (GOMES, 1994). A sua arquitectura pode constituir uma evolução a partir de sepulturas de planta ovalada ou subcircular, como a que julgamos ter sido a de Castro Marim e cujo espólio osteológico sugere, também, carácter individual.

Em conclusão, à sepultura de Castro Marim, corresponderá cronologia situável entre o final do quarto milénio e o primeiro quartel do terceiro milénio A.C., anterior à generalização das sepulturas colectivas calcolíticas, do tipo *tholos*, das quais poderá considerar-se predecessora.

AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Arqueologia do IPPAR pelo financiamento da análise de radiocarbono realizada em Oxford.

Ao Vice-Presidente do Instituto Geológico e Mineiro, Prof. M. Magalhães Ramalho, pela autorização no acesso ao espólio agora estudado.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, F. (1893) — Os Mortos. Estácio da Veiga. *Revista de Ciências Naturaes e Sociaes*, vol. II, pp. 190-192.
- COMA, J.R. (1991) — *Antropologia Forense*. Ministerio de Justicia, 905 pp., 142 figs, Madrid.

- CURTIS, A.C. e PHIPOTT O.S. (1964) — Prenatal Syphilis. *Clinical North America*, n.º 48, pp. 707-717.
- FLEMING, W.L. (1964) — History of Syphilis. *Clinical North America*, n.º 48, pp. 587-589.
- GOMES, M.V., (1994) — O sepulcro colectivo de Pedra Escorregadia (Vila do Bispo, Faro) - Notícia da Escavação de 1991. *Actas das V.ªs Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. ,Lisboa.
- GOMES, M.V. e GOMES, R.V. (1988) — Levantamento Arqueológico-Bibliográfico do Algarve. Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, 225 pp., Faro.
- HUME, J.C. (1964) — Worldwide problems in diagnosis of treponematoses. *Clinical North America*, n.º 48, pp. 721-731.
- LEISNER, G. e LEISNER, V. (1943) — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Sudan*, Verlag Von Walter de Gruyter & Co., 188 tafeln, Berlin.
- (1959) — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Walter de Gruyter & Co., 349 pp., 101 ests, Berlin.
- ROSA, J.A.P. (1975) — Quatro meses com Estácio da Veiga (Estudo Arqueológico-Bibliográfico. *Anais do Município de Faro*, vol. V, pp. 133-142.
- SANTOS, M.F. DOS (1974) — *Pré-História de Portugal*. Editorial Verbo, 2.ª ed., 175 pp., 158 figs, Lisboa.
- SANTOS, M.F. DOS e FERREIRA, O. da V. (1969) — O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*, série III, vol. III pp. 37-62.
- SOARES, A.M. MONGE e CABRAL, J.M. PEIXOTO (1993) — Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 1993), 2, p. 217-235.
- VEIGA, S.P.M.E. DA (1886) — *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. I, Imprensa Nacional, 7 + XXVI + 305 pp., XXX ests, 1 mapa, Lisboa.
- (1891) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. IV, Imprensa Nacional, 346 pp., XLV ests, Lisboa.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. DA V.; FORMOSINHO, J. (1941) — Necropolis de las Caldas de Monchique. Nuevas contribuciones para el conocimiento de la Edad del Bronce en el Algarve. *Archivo Español de Arqueologia*, tomo XXII, pp. 291-312, 26 figs.
- VON HAAM, E. (1960) — *A Textbook of Clinical Pathology*, Williams & Wilkins Co., 737 pp., 80 figs, New York.
- ZBYSZEWSKI, G., e FERREIRA, O. da V. (1967) — Acerca duma «*tholos*» encontrada em Castro Marim. *O Arqueólogo Português*, série III, vol. I, pp. 11-17.